

SONORA
Brasil
MUNDO NOVO
Circuito Nacional de Música

Labores e Brinquedo



* coleção particular

✧ MESTRE SALUSTIANO E GRUPO ✧



CDRM

Centro de Difusão e Realizações Musicais

Uma iniciativa do SESC voltada para a formação de platéias, atuando no âmbito da diversidade musical disponível no acervo de conhecimentos elaborado pela humanidade ao longo de sua história conhecida.

- Salas de Música
- Fonotecas
- Centros de Tecnologias Musicais
- Estúdios de Gravação

Cursos, Oficinas, Audições orientadas, Pesquisas e estudos, Workshops, Gravações musicais.

Acervos fonográficos de referência histórica, Banco digital de partituras, Editoração musical, Bibliotecas musicais especializadas, Projetos culturais de produção de CDs.

Administrações Regionais do SESC em Alagoas, Distrito Federal, Mato Grosso e Pernambuco



APRESENTAÇÃO

O Projeto Sonora Brasil é parte integrante do trabalho de formação de platéias que o SESC desenvolve na área da música em todo o país, fundamentado na difusão de toda a diversidade cultural possível existente no acervo produtivo elaborado pela humanidade ao longo de sua história conhecida.

Atuando no âmbito de um circuito nacional, a iniciativa do SESC tem por objetivo difundir programas consistentes, efetivamente culturais, identificados com o desenvolvimento histórico da música no Brasil, dos primórdios aos tempos atuais, promovendo a ampliação e qualificação do nível de cultura musical das platéias, através da difusão de programas que venham a compor um painel significativo de parte expressiva da produção musical de nosso país, priorizando aquelas que, por seus valores intrínsecos e qualidade indiscutível, não encontram espaço regular nos meios de comunicação em geral, ausentes, conseqüentemente, dos processos usuais de posicionamento mercadológico.

A realização do Projeto Sonora Brasil, em seu sétimo ano de desenvolvimento, representa a concretização dos objetivos socioculturais do SESC, contribuindo para o processo de desenvolvimento pluralista da sociedade, levando a informação musical aos mais distantes pontos do país.

SESC
Departamento Nacional

*"E o passado, por mais remoto que seja, está bem mais
perto de nós do que o futuro mais próximo".*

Fernando de Azevedo.



música constitui um dos mais importantes valores do patrimônio cultural do Brasil, ocupando lugar de destaque na produção artística de todo o país.

Entendida como elemento fundamental na construção da identidade e imagem do país, a produção musical brasileira, rica e diversificada quanto a estilos, gêneros, ritmos e formas, reúne um elenco de manifestações das mais variadas, constituindo-se em meio privilegiado para o conhecimento de nosso universo cultural.

Reconhecido internacionalmente, determinado segmento dessa produção tem merecido, em nível profissionalizado, tratamento exclusivo no que respeita a aspectos inerentes de produção e difusão, posicionados mercadologicamente de forma a atender demandas geradas pelo mercado do entretenimento.

Por outro lado, coexiste com esta produção obsolescente outra de caráter mais perene, elaborada através de processos complexos de escritura e oralidade, nascida da permanência viva do patrimônio legado pela tradição histórica, revelando a formação sócio-cultural do que somos. Uma produção que, remontando às origens históricas do processo de colonização do Brasil, sintetiza a cultura de nosso país.

Paradoxalmente, apesar da diversidade e riqueza dessa produção, é quase inexpressivo o conjunto de iniciativas até hoje empreendidas no sentido devido de sua produção e difusão. Do pouco que se produz, de enorme importância para a difusão do conhecimento sistematizado, permanecem quase exclusivas iniciativas voltadas apenas para a pesquisa e publicação de trabalhos teóricos, informações, em geral, restritas aos meios acadêmicos e profissionais, longe do alcance do público em geral.

Esse conhecimento, entendido no sentido amplo do termo, deve constituir-se em material sonoro concreto, tornado "prático" num sentido qualificado de difusão, conseqüente enquanto expressão da cultura de um povo.

A música do Brasil, considerada como produção contemporânea, objeto concreto de fruição estética, também precisa ser ouvida. Entendida em seu contexto próprio, caracterizada como produção específica e indissociável de nossa diversidade sociocultural, representativa das diversas regiões de norte a sul do país.

Objetiva-se, pois, enriquecer a cultura brasileira revelando este tesouro de informações musicais disponível, contribuindo de forma efetiva para o processo de difusão do conhecimento sistematizado.



Wagner Campos
GCI/DPS



MESTRE SALUSTIANO E GRUPO



Manoel Salustiano Soares, ou Mestre Salu, é por excelência a mais de cinquenta anos, um Brincante, com uma memória vigorosa e atuante. O que permitiu sua participação dentro do Sonora Brasil, neste tomo unindo memórias de cantos de trabalho e brinquedos. Quem chega em sua casa, num bairro às redondezas de Olinda, chamado Cidade Tabajara, em ocasião de uma visita, de uma pesquisa, atrás da brincadeira ou das aulas de rabeca, não sai de lá sem algum recorte fiel e generoso de sua vivência cultural, que diz respeito aos nossos valores culturais e à transmissão deles, ao que se denomina Tradição Oral.

Ele que nasceu em Aliança na Mata Norte de Pernambuco, trouxe consigo e para perto da Região Metropolitana do Recife, a vivacidade, alegria e reincidentia de seu conhecimento, encantando e encorajando com seus brinquedos, outros artistas e cidadãos a fortalecer suas escolhas artísticas e enriquecer suas identidades.

O grupo que o acompanha, não deixa nunca de ter os integrantes da família, herdeiros diretos da comunhão cultural que se realimenta, seduz e arrebanha com sinceridade a comunidade e as expansões dela.

O objetivo do grupo? Fazer a brincadeira, passar adiante, não deixar morrer, como dizem.



MESTRE SALUSTIANO



foto: Tony Braga



E GRUPO



Manoelzinho Salustiano (Manoel Salustiano Soares Filho)

Filho mais velho de Salustiano. Músico, bordador de golas de estandartes, desenvolve também um trabalho de arte e educação através de oficinas e encenação de Mamulengo além de presidir a Associação dos Maracatus de Baque Solto, que congrega hoje 90 maracatus, oriundos de 25 municípios da Zona da Mata Norte e Região Metropolitana.

Pedro Salustiano (Pedro Salustiano Soares)

Brincante, Dançarino Músico e Presidente do Maracatu Piaba de Ouro, iniciou-se nas brincadeiras aos 5 anos. Já integrou grupos como o Grupo Grial de Dança, o de Antonio Carlos Nóbrega, o de João Falcão e o de Ponto ART.BR.

Dinda Salustiano (Wellington Salustiano Soares)

Rabequeiro, dançarino e mestre de maracatu, começou a brincar ainda no seu primeiro ano de vida. Dinda, hoje comanda o seu grupo "Os Pequenos do Forró" onde segue os exemplos do seu pai mostrando o Cavalo Marinho, o Maracatu de Baque Solto, a Ciranda e o Forró, acompanhado por crianças que vão dos 3 aos 15 anos de idade.

Paulo Henrique (Paulo Henrique Albuquerque)

Músico e dançarino que já acompanha o Mestre Salustiano há 8 anos. Ministra também oficinas na arte do bordado de golas e estandartes.

Toni Braga (Antonio de Pádua Souza Braga)

Músico, artista plástico e produtor, trabalhando exclusivamente com a família Salustiano há 7 anos, foi absorvido pelo convívio e aprendizado da brincadeira onde há três anos participa como integrante/brincante do grupo.

Edielson José (Edielson José de Souza)

Ministrou Oficinas de Dança e Confecção de Figuras (Elementos cênicos do Cavalo Marinho) em diversas capitais do Brasil. Músico e dançarino do grupo há 8 anos, acompanhando além do Sonho da Rabeca integra o Cavalo Marinho Boi Matuto e é Arreamar no Maracatu Piaba de Ouro.



 **PROGRAMA** 

LABORES

—————  —————
CANTIGAS DE NINAR

**Lavar e engomar*
**Papa de Aruá*
**Menino na moita*



—————
INCELENÇAS

**Mãe de Deus*
**Três incelenças*



ABOIOS

**Vida de Vaqueiro*
**Serra da Borborema*
**Deixei de ser Vaqueiro*
pra ser Matuto
**Meu cavalo morreu*
**Aboio de improviso*



—————
COCOS DE TRABALHO
NO CAMPO

**De Goiana pra Recife*
**Goiana, Goiana*
**Debaixo do Cafezeiro*

BRINQUEDO

CAVALO MARINHO

- *Toada de Mané Paulo
(ou o Morto-carregando-Vivo)*
 - *Chamada de Mateus e Bastião
(palhaços)*
 - *Baiano (Entremeio Instrumental)
Manoel Salustiano e João Salustiano*
 - *Véia Divina*
 - *Toada do boi*
 - *Caboclo Arubá*
-

~~*~*~*~*~*~*~*~*

MARACATU DE BAQUE SOLTO

- *Loas de improviso*
- *~*~*~*~*~*~*~*~*~*



CABOCLINHO

- *Caboclinho sonho da rabeca
(Guerra e Perre)*
 - Manoel Salustiano*
-



ANOTAÇÕES



LABORES *Cantos de Trabalho*

Sabe-se que ao longo da história e em diversas culturas, a música se fez presente ao lado das ferramentas de trabalho, em motivos diários, numa sucessão de movimentos contínuos, como no ato de embalar uma criança – mais comumente realizado e incluso nos afazeres domésticos da mulher – ao corte, junta e amarração da cana-de-açúcar - atividade à qual o próprio Mestre Salu esteve ligado antes de migrar para a capital.

Nesse processo cíclico de tarefas, está o tempo ritmado do trabalho, ao qual as melodias se sobrepõem como unguento, esmaecendo o cansaço, a fome; auxiliando a passagem do tempo e o cumprimento do dever; poetizando o cotidiano; alimentando a esperança, de um canto a outro do país, nos engenhos, roçados: remando, batendo, preparando a terra, carregando, fiando, colhendo, lavando...cantando.

Esta dança obrigatória e este canto necessário contêm a história resistente de um povo que sobreviveu e até hoje desafia a opressão, escrevendo de memória a memória sua vitoriosa biografia.

A exemplo estão desde os Vissungos – entoados pelos escravos e Pregões dos vendedores – ao canto dos carregadores de piano, café, pedra, cana; cantos dos barqueiros do São Francisco; cantos dos ferreiros, fiandeiras, rendeiras, lavadeiras; e Aboios, dentre outros que não se tem notícia. A estes cantos ligados a exaustivos labores associam-se as cantigas de ninar ou acalantos, os cantos de pedintes – sendo mais famosos os dos cegos – e os ofícios fúnebres a exemplo as Incelenças que estão associadas também aos cantos religiosos.

O conjunto de peças que se apresentam neste primeiro momento, traz à tona lembranças e vivências do Mestre com seus pais, sua comunidade e primeiros companheiros de trabalho.

Sônia Guimarães

CANTIGAS DE NINAR

Associam-se aos cantos de trabalho por seu contexto utilitário, e arrisca-se dizer que sejam por isso as primeiras impressões vivenciadas e memorizadas do que venham a ser esses cantos.

A primeira que aqui se apresenta é uma cantiga de tradição oral, com uma pequena variante na letra, como é comum dar-se também com melodias de origem na tradição, ao circularem pela vastidão e diversidade de nosso sítio. As duas seguintes são cantigas que D. Maria Tertunila da Conceição usava para acalantar Mestre Salu e seus irmãos.

ABOIOS

Os Aboios de Vaqueiro, cantos entoados para reunir a boiada – sinalizado por alguns estudiosos como sendo apenas a monodia apoiada em vogais que se segue a uma letra em quadra, decorada ou improvisada – são lamentos de remota origem árabe, tendo-se fixado no interior do nordeste através dos judeus novos que ali se estabeleceram - ou e também de origem moura oriunda da África, possivelmente da Ilha da Madeira chegando aqui pelos escravos mouros. São parte e companhia na lida do Vaqueiro, e decorrem em pequenas crônicas, reclamações contra o gado arredio, descrições da paisagem local, casos de amor, acontecimentos incomuns e aventuras específicas da profissão.

Neste programa, seguem-se quatro estrofes da tradição oral usadas nesse universo, e uma última improvisada – visto o improviso ser uma característica marcante do aboio.

INCELENCAS

Hábito comum na celebração da passagem vida-morte no interior do nordeste, tornou-se profissão fúnebre das carpideiras, o ato de entoar essas pequenas orações cantadas durante os velórios, em sentimento ao morto, rogando para seu espírito conforto e salvação. Muitas vezes a rabeca também se fez presente, somando-se às vozes áridas do ritual.

COCOS DE TRABALHO NO CAMPO

Os Cocos aparecem principalmente no litoral do nordeste com os colhedores e apanhadores desse fruto, mas migram para o interior e associam-se a atividades na roça, na construção, principalmente do chão, das casas de barro.

De especial registro, revelam-se esses cocos lembrados pelo Mestre, entoados durante o trabalho no corte da cana, onde ao final da jornada, seus companheiros, reunidos no terreiro, somavam aos cantos tirados, a marcação do ritmo, com foices, enxadas, cabaças e outros instrumentos de trabalho. Como já faziam seus pais.



BRINQUEDO *Cantos de Folgado*

Do mesmo canto amenizador da luta diária, da herança cultural dos que aqui chegaram e da sofisticada mestiçagem que aqui se originou, germina a alegria tão presente na expressão do Brincante. Estes músicos, dançarinos, artesãos, poetas, espalham nos terreiros a poesia das cores, as notas da memória viva e ativa, os passos da história trazida, vivida e inventada.

Chega a hora da fantasia e de oficializar o riso na explosão da criatividade e no orgulho gratuito de possuir uma arte orgânica e contagiante, onde os mesmos indivíduos, que se exercitam à exaustão nos campos e labutas, se transformam em reis, comandantes, deuses, bichos, índios, negros, brancos: Aqui se alia à música o poder da máscara libertadora e “transgressora” da realidade do dia-a-dia, através dos seus maravilhosos e fantásticos personagens e suas histórias.

Nesse universo, a música é a grande linha condutora e provocadora da comunhão, identificação, aglutinação e realização social. Quanto de sério, reflexivo e vigoroso chega a ser

essa leitura descontraída, humorada e ritualística da brincadeira, que para alegria de todos, sobrevive em tantos brinquedos diferentes.

Também estão presentes em todo território nacional, e muitas vezes com variantes, ora nas letras, ora nas melodias e nos toques, ora na dança e na temática. Um bom exemplo disso é a brincadeira do boi, que talvez seja a mais presente e variada de todas: Boi de Reis, Boi de Mamão, Boi Bumbá, Bumba-Meu-Boi, e sua variante da Zona da mata, no norte de Pernambuco, presente também na região da Paraíba.

Alinham-se aos Bois o Auto Pastoril e o Reisado propriamente dito.

Nas danças dramáticas, ditas assim por incluírem uma parte representada, se brinca Maracatus de Baque Solto ou de Baque virado, Marajudas, Congos e Caboclinhos.

A lista é enorme e diversificada se formos brincar do Norte ao Sul do Brasil.

Com Mestre Salu e Grupo acontece o que também acontece com a maioria dos brincantes, estando ligados a mais de uma brincadeira, num complexo cultural que dá um certo destaque a quem o pratica. É prazeroso e motivo de orgulho conhecer e participar de várias brincadeiras.

E nesse grupo, onde três de seus componentes são seus filhos (que ao todo e sem exceção são quinze brincantes), se observa bem a questão do aprendizado e convívio com a brincadeira que leva os anos de uma vida.

Sônia Guimarães

C A V A L O M A R I N H O

O Cavalão Marinho não poderia deixar de estar mais presente. Uma aglutinação de reisados, diferente do Bumba-Meu-Boi pela permanência da dança dos arcos, realizada pelos Galantes e Damas – reminiscência direta portuguesa, conservada na Zona Norte de Pernambuco, até se fazer presente na capital.

Este foi o primeiro brinquedo de Mestre Salustiano, dado por seu pai João Salustiano, participante ativo da brincadeira e também rabequeiro.

Todas as toadas e chamadas de figuras – constantes nesse programa, de tradição oral, dizem respeito a cinco dos setenta e seis personagens constantes na brincadeira, categorizados em humanos, animais e fantásticos. A brincadeira começa quando o “banco” (orquestra formada por rabeça, pandeiro, mineiro e baje) saúda os donos do terreiro e o público presente.

C A B O C L I N H O

Os Caboclinhos, folguedo presente desde o final do século XVI, é uma invenção mestiça que reverencia o elemento indígena, e tem fundamento em alguns cultos semi-secretos daquela cultura. Essencialmente, poderia dizer-se que uma aglutinação de referência às danças propiciatórias da caça, colheita, além de motivos guerreiros e religiosos.

As coreografias de desenho ágil e beleza singular seguem três ritmos: o perré, o baião e o guerra. A orquestra é formada por tarol, surdo, caracaxás (espécie de chocalho) e inúbia (flauta específica), aqui substituída pela rabeca, que executa melodias exóticas de semelhanças com a música ameríndia – latino americana e oriental.

M A R A C A T U D E B A Q U E S O L T O

Mata Norte de Pernambuco: lá vem o cortejo saindo da plantação da cana, do meio da cabeleira verde surrada pelo vento, cabeleiras de todas as cores avançam protegidas por lanças abrindo caminhos, amadrinhados pela Calunga. Quantas imagens e histórias são soltas por esse baque, para onde marcham, sambam e galopam, é como uma grande colcha de retalhos viva, onde muitas referências se enlaçam. A corte, as baianas, as Figuras Sujas, a cabocaria. Até que chegue a hora do Terno (caixa, surdo, gonguê e poica), trombone ou piston silenciarem, para que o mestre cantador possa soltar as Loas. E é do vapor dessa caldeira, onde ferve o Terno, a Loa e o Bordado, que o mistério vira música.



TEXTOS



CANTIGAS DE NINAR



LAVAR
E ENGOMAR
MENINO VAI DORMIR
QUE EU TENHO O QUE FAZER
VOU LAVAR E ENGOMAR
CAMISINHA PRA VOCÊ



PAPA DE ARUÁ
MENINO TU NÃO CHORA
QUE O LEITE O BODE MAMOU (BIS)
TU NÃO PODE CHORAR MENINO
QUE TEM PAPA DE ARUÁ
PRA QUE CHORAR



MENINO NA MOITA
MENINO VAMO PRA MOITA
QUE EU PRECISO TRABALHAR (BIS)
VOU LEVAR UM BALAIO
PRA VOCÊ SE CONSOLAR





ABOIOS



VIDA DE VAQUEIRO

VIDA DE VAQUEIRO
NINGUÉM ME CONTA QUE EU SEI
CORTA SOLA E CURTIR COURO
E FAZER TRANÇA DE REIS
BATER A MÃO A COIÓ
E ATIRAR NOS BODE ALHEIO

DEXEI DE SER VAQUEIRO PRA SER MATUTO

EU DEIXEI DE SER VAQUEIRO PRA SER MATUTO
DÁ MAIS PRODUTO E É MAIS DESENRRASCADO
DESSE TRABALHO PESADO QUEM DEIXOU FUI EU
O MAIS QUE ME ABORRECEU
FOI A BURRA DE MANÉ
QUASE QUE ME ARRANCA O FÉL
DE UMA QUEDA QUE ME DEU

SERRA DA BORBOREMA

SERRA DA BORBOREMA
A SERRA QUE MAIS ANDEI NELA
AONDE EU VI O REI NA CORTE
E A RAINHA NA JANELA
E AS AMAS NA COZINHA
FAZENDO O MANDADO DELA

MEU CAVALO MORREU

MEU CAVALO MORREU
MINHA MULHER MORREU TAMBÉM
DO CAVALO TIVE PENA
DA MULHER TIVE ALEGRIA
CAVALO BOM É DIFÍCIL
MULHER RUIM É TODO DIA

ABOIO DE IMPROVISO

INCELENCAS

MÃE DE DEUS

Ô MÃE DE DEUS (BIS)

ORAI POR ELA

TRÊS INCELENCAS

TRÊS INCELENCAS

QUE TEM A PROTEÇÃO

VAMOS REZAR

O CORPO QUE TÁ NO CHÃO

VAMOS GENTE

FAZER UMA ORAÇÃO

REZAR UM PAI NOSSO

PRO CORPO QUE TÁ NO CHÃO

VAMOS IRMÃOS

CANTAR UMA LADAINHA

PRO CORPO QUE TA NO CHÃO

REZAR UMA SALVE RAINHA



COCOS DE TRABALHO NO CAMPO

DE GOIANA PRA
RECIFE

DE GOIANA PRA RECIFE
NÃO SE CARREGA CASCALHO
CINCO VÉIO NÃO DÁ UM QUILO
CAIU NO SAMBA É IMPAIO

GOIANA, GOIANA

GOIANA, GOIANA

GOIANA É UMA BELEZA
QUEM FOR EM PONTA DE PEDRA
PASSA EM SANTA TEREZA

DEBAIXO DO
CAFEZEIRO

EU DEI UM BEIJO EM CARMINHA
DEI OUTRO NA IRMÃ DELA
DEBAIXO DO CAFEZEIRO
PANHANDO CAFÉ MAIS ELA



CAVALO MARINHO



TOADA
DE MANÉ PAULO
(OU O MORTO-
CARREGANDO-VIVO)

MINHA GENTE VENHA VER
COISA DE ADMIRAR
É UM CORPO DENTRO DO OUTRO
É UMA COISA SINGULAR

MANÉ PAULO
VAI EMBORA
NÃO DÁ ADEUS A NINGUÉM
TEM A BOCA PEQUENINA
NÃO FALA MAIS DE NINGUÉM



CHAMADA DE
MATEUS E BASTIÃO
(PALHAÇOS)

CADÊ O NÊGO BASTIÃO
ADEUS MANA
Ô CADÊ O NÊGO BASTIÃO
ADEUS MANA
QUE EU NA VEJO ELE CHEGAR
LÊ LÊ Ô
ADEUS MANA IÁ IA
LÊ LÊ Ô
ADEUS MANA IÁ IA
VAQUEIRO É QUEM CORRE O BOI
DE NOITE TRAZ O GIBÃO
AMARELO É A FLOR DO ALGODÃO
AMARELO É O BARREIRO DO CHÃO

VOU ME EMBORA
VOU ME EMBORA
HOJE SIM AMANHÃ NÃO
PÁ, PULA, PÁ PULA
CHEGA MATEUS PRA SAMBA
PÁ, PULA, PÁ PULA
CAPITÃO MANDOU CHAMAR
PÁ, PULA, PÁ PULA.

BAIANO
(ENTREMEIO
INSTRUMENTAL)
MANOEL SALUSTIANO
E JOÃO SALUSTIANO



VÉIA DINDINHA
QUEM TEM DOIS TEM UM
QUEM TEM UM NÃO TEM NENHUM
TÁ, TÁ, TÁ REQUEBRA SINHÁ
BATATA COZIDA
MINGAU DE CARÁ



**CAVALO MARINHO
(CONT.)**



T O A D A D O B O I

**DEUS VOS SALVE VIDA
ESSES VOSSOS TRAGES (BIS)
DEUS VOS SALVE O MESTRE
Ô SINHORA NESSE SEU CAVALO**

**MARIA TERESA VARRA SEU TERREIRO (BIS)
PRA MEU BOI BRINCAR Ô SINHORA
MAIS O SEU VAQUEIRO**

**Ô DE RIO ACIMA SOBE UMA GAMELA (BIS)
UMA MOÇA DENTRO Ô SINHORA
Ô QUE COISA BELA (BIS)**

**SAPO CURURU, NA BEIRA DO RIO (BIS)
QUANDO O SAPO CANTA Ô MANINHA
CURURU TEM FRIO (BIS)**

**ARREDA DO CAMINHO PRA MEU BOI PASSAR (BIS)
VEM ESTRUPIADO Ô SENHORA,
VEM DO PORTUGAL (BIS)**

C A B O C L O A R U B Á

**OLÊ, OLÊ, OLÊ, OLÊ, OLÁ
EU VI PASSAR OS CABOCO DE ARUBÁ**

(LOAS DE IMPROVISO COM PONTOS DE JUREMA)

**CABOCLO— BOA NOITE MEU POVO TODO, BOA NOITE PESSOA, QUERO
QUE ME DE LICENÇA, EU BOTAR MEU ARUBA.**

**OLÊ, OLÊ, OLÊ, OLÊ, OLÁ
EU VI PASSAR OS CABOCO DE ARUBÁ**

**CABOCLO— EM CIMA DAQUELA SERRA PASSA BOI, PASSA BOIADA,
TAMBÉM PASSA MORENINHA DOS CABELOS CACHEADOS**

**OLÊ, OLÊ, OLÊ, OLÊ, OLÁ
EU VI PASSAR OS CABOCO DE ARUBÁ**

**CABOCLO— PAPAÍ DO CÉU ME ABENÇOE PRA EU NÃO CORRER PERIGO,
UM MINUTO DE SILÊNCIO QUE EU VOU PISAR NO VIDRO.**

**OLÊ, OLÊ, OLÊ, OLÊ, OLÁ
EU VI PASSAR OS CABOCO DE ARUBÁ**

**CABOCLO— O VIDRO NÃO ME CORTOU, EU JÁ ESTOU INDO EMBORA,
ADEUSINHO MEU POVO TODOS, ADEUSINHO ATÉ OUTRA HORA.**

**OLÊ, OLÊ, OLÊ, OLÊ, OLÁ
EU VI PASSAR OS CABOCO DE ARUBÁ**

CABOCLINHO

CABOCLINHO
SONHO DA RABECA
(GUERRA E PERRÉ)

MANOEL SALUSTIANO

O POVO ME CHAMA CABOCLO
ME CHAME DE IRAPURU
CABOCLO É UMA CLASSE
NÃO TEM ROUPA E ANDA NU
ARREI, ARREI, ARREI ARREIAMAR (BIS)

O POVO ME CHAMA CABOCLO
EU NÃO SOU CABOCLO NÃO
FOI O SOL QUEM ME QUEIMOU
LÁ EM CIMA NO SERTÃO
ARREI, ARREI, ARREI ARREIAMAR (BIS)

CABOCLO ENTRA NA MATA
E FAZ CASA DE CIPÓ
MAS A TURMA TODA GRITA
CABOCLO É PENA SÓ
ARREI, ARREI, ARREI ARREIAMAR (BIS)

CABOCLO É UMA CLASSE
FAZ CASA NO GRAVATÁ
FAZ FLECHA DE GENIPAPO
E VÃO PRO MATO CORTAR COM REIAMAR
ARREI, ARREI, ARREI ARREIAMAR (BIS)

CABOCLO É EQUILIBRADO
TOMANDO SEU RAPÉ
ENTRANDO DE MATO A DENTRO
A COMIDA É CABAÇO COM MEL
EU SOU CABOCLO, MESTRE
BEBO ÁGUA NAS COITÉ (BIS)
VOU ME EMBORA PRO AMAZONAS
COM SETE FLECHAS DE NAZARÉ
TODOS CABOCLOS, TODOS NÓS É,
DO SONHO DA RABECA.



MARACATU DE BAQUE SOLTO

LOAS DE IMPROVISO

EM QUATRO, OITO OU DEZ LINHAS,
CHAMADAS MARCHA, SAMBA E GALOPE.

SONORA BRASIL * MVNDO NOVO * Circuito Nacional de Música





FEMUCIC

Festa da Música Cidade Canção

REDE INTEGRADA DE MOSTRAS DE MÚSICA DO SESC



- Mostra Nacional de Música
- Mostras Regionais de música
- Feiras de Música
- Workshops e Seminários
- Registros fonográficos das produções regionais

Uma iniciativa voltada para a difusão da Música Brasileira, contribuindo para o processo de descentralização da produção nacional.

Administrações Regionais do SESC em Paraná, Santa Catarina, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Mato Grosso, Tocantins, Rondônia, Pará, Amazonas e Acre





Uma iniciativa do SESC voltada para a produção e difusão
da música de tradição oral do Brasil

REGISTRO
SONORO
DA **MÚSICA**
do **BRASIL**

.....
Pesquisa e Recolha Musical
Gravação e Edição de CDs
Projetos Culturais
de Difusão Musical
.....

F O R M A Ç Ã O D E O U V I N T E S M U S I C A I S

Administrações Regionais do SESC em Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Ceará, Mato Grosso,
Pará, Santa Catarina e Paraná.



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

CONSELHO NACIONAL

Presidência
Antonio Oliveira Santos

DEPARTAMENTO NACIONAL

Direção Geral
Maron Emile Abi-Abib

PROJETO SONORA BRASIL - MUNDO NOVO
Circuito Nacional de Música

REALIZAÇÃO

SESC - Departamento Nacional

PROJETO E PRODUÇÃO

DPS - Divisão de Programas Sociais
GCL - Gerência de Cultura e Lazer

CURADORIA E DIREÇÃO MUSICAL

Wagner Campos - GCL/DPS

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Departamentos Regionais do SESC em :
SC, PR, SP, DE, MT, TO, PA, AM, AC,
AP, MA, PI, CE, PE, PB, AL, BA.

SUPERVISÃO DE PRODUÇÃO GRÁFICA

DPD - Divisão de Planejamento e Desenvolvimento
GDP - Gerência de Divulgação e Promoção Institucional

DESIGN GRÁFICO

Vinicius Borges - GDP/DPD

ILUSTRAÇÃO CAPA

Artista Desconhecido
"Paisagem"
Direitos Reservados

FOTOGRAFIA DA ILUSTRAÇÃO

Ismar Ingber

SONORA BRASIL

MUNDO NOVO

Benças e Remédio



setembro / outubro / novembro 2004

SESC
NACIONAL